


SAUSSURE EM FRANCÊS E SAUSSURE EM PORTUGUÊS: ELES DIZEM (QUASE) A MESMA COISA?

Valdir do Nascimento Flores*

 <https://orcid.org/0000-0003-2676-3834>

Sara Luiza Hoff**

 <https://orcid.org/0000-0001-7216-2576>

Como citar este artigo: FLORES, V. do N.; HOFF, S. L. Saussure em francês e Saussure em português: eles dizem (quase) a mesma coisa? *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-16, maio/ago. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO2013387

Submissão: maio de 2020. **Aceite:** junho de 2020.

Resumo: Este trabalho reflete sobre as obras de Ferdinand de Saussure em português, questionando em que medida o processo tradutório interfere no valor teórico do texto traduzido e, conseqüentemente, na recepção da obra saussuriana no Brasil. Para isso, apresenta-se um levantamento de algumas das marcas textuais presentes no *Curso de Linguística Geral* e nos *Escritos de Linguística Geral* que demonstram as técnicas adotadas pelos seus tradutores, seguida de uma análise das obras traduzidas considerando tais marcas e evidenciando seus efeitos na compreensão da teoria saussuriana.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure. *Curso de Linguística Geral*. *Escritos de Linguística Geral*. Tradução. Técnicas de tradução.

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: valdirnf@yahoo.com.br

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: saraluizahoff@gmail.com

A compreensão ética da tarefa do tradutor originou-se na consciência de que a tradução é uma tarefa basicamente impossível, se o que pretende é que o tradutor seja capaz de tomar o texto de um autor escrito numa língua e entregá-lo intacto, sem perdas, em outra língua (SONTAG, 2008, p. 169).

INTRODUÇÃO

■ O título deste artigo faz evidente referência ao título do livro de Umberto Eco, *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*, no qual o autor reflete em torno do que considera *experiências* da prática de tradução. Logo na Introdução do livro, o autor dá a dimensão da envergadura da discussão ensejada:

O que quer dizer traduzir? A primeira e consoladora resposta gostaria de ser: dizer a mesma coisa em outra língua. Só que, em primeiro lugar, temos muitos problemas para estabelecer o que significa “dizer a mesma coisa” e não sabemos bem o que isso significa por causa daquelas operações que chamamos de paráfrase, definição, explicação, reformulação, para não falar das supostas substituições sinonímicas. Em segundo lugar, porque, diante de um texto a ser traduzido, não sabemos também o que é a coisa. E, enfim, em certos casos é duvidoso até mesmo o que quer dizer dizer (ECO, 2007, p. 9).

Quase em paráfrase absoluta ao pensamento de Umberto Eco, gostaríamos de indagar: qual é a “coisa” que Ferdinand de Saussure “diz” em português? Dito de outro modo, queremos saber em que medida a transmissão operada pelas traduções do *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG) (SAUSSURE, 1970, 2014 [1916]) e dos *Escritos de Linguística Geral* (doravante ELG) (SAUSSURE, 2002, 2004) – ambos com autoria atribuída a Saussure – para a língua portuguesa interfere diretamente na teoria transmitida.

Partimos da ideia de que a dita língua de chegada – no caso, o português –, em função de sua configuração específica, influencia o conteúdo que traduz. Isso, para nós, significa, *grosso modo*, formular a hipótese de que Saussure em português não é absolutamente sinônimo de Saussure em francês ou mesmo em qualquer outra língua. Significa também admitir uma hipótese secundária de que, como diz Sontag (2008, p. 169), ao lado da natural dificuldade em passar um texto de uma língua para outra, há uma “intransigência especial de determinados textos”, o que nos leva a perguntar: que intransigências há no CLG e nos ELG e como os tradutores lidaram com elas na tradução das obras para o português?

Nossas hipóteses encontram respaldo na reflexão da filósofa francesa Barbara Cassin, no *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*¹ (doravante *Dicionário*). Nessa obra monumental, Cassin (2018, p. 16) explica, já na Introdução, que “o ponto de partida [da obra] é uma reflexão sobre a dificuldade de traduzir em filosofia”; o objetivo é “[...] pensar a filosofia em línguas, tratar as filosofias como elas se dizem, e ver o que isso muda em nossas maneiras de filosofar”

¹ O título original da obra é *Vocabulaire Européen des Philosophies. Dictionnaire des intraduisibles*. Publicado sob a direção de Barbara Cassin, em 2004, na França, recebeu tradução brasileira em 2018, em uma organização dada pelos filósofos Fernando Santoro e Luisa Buarque. A obra em português tem configuração bastante distinta da obra francesa. Para melhor compreensão das diferenças, é fundamental a leitura do “Prefácio da edição brasileira”.

(CASSIN, 2018, p. 16). O modelo é o *Vocabulário das instituições indo-europeias*² de Émile Benveniste, que permitiu ver que “[...] para encontrar o sentido de uma palavra em uma língua, ele atualiza as redes nas quais ela se insere e procura compreender como uma rede funciona em uma língua relacionando-a às redes de outras línguas” (CASSIN, 2018, p. 16). Os objetos são os “[...] sintomas de diferenças, os ‘intraduzíveis’, entre um certo número de línguas” (CASSIN, 2018, p. 17).

Longe de formular uma perspectiva metafísica da impossibilidade, o conceito de *intraduzível* é visto pela filósofa como “sintoma” das diferenças entre as línguas. Ou ainda:

Falar de intraduzíveis não implica absolutamente que os termos em questão, ou as expressões, os expedientes sintáticos e gramaticais, não sejam traduzidos e não possam sê-lo – o intraduzível é antes o que se não cessa de (não) traduzir. Mas isso assinala que a sua tradução, em uma língua ou em outra, causa problema, a ponto de suscitar às vezes um neologismo ou a imposição de um novo sentido para uma velha palavra: é um indício da maneira como, de uma língua à outra, tanto as palavras quanto as redes conceituais não podem ser sobrepostas – com “mind”, acaso compreende-se a mesma coisa que com “Geist” ou com “esprit”? Com “pravda”, trata-se de “justiça” ou “verdade”? E o que se passa quando vertemos “mimesis” por “representação” em vez de “imitação”? (CASSIN, 2018, p. 17).

Santoro e Buarque (2018, p. 5) explicam, na apresentação à edição brasileira do primeiro volume do *Dicionário*, que “[...] o Intraduzível é precisamente aquilo que se traduz de muitas maneiras distintas, revelando em cada tradução a diferença entre as línguas e operando, assim, uma transformação no próprio conceito filosófico”. Assim, o *intraduzível* exige tradução na justa medida em que coloca à mostra o quanto a diferença entre as línguas opera na formulação/reformulação de um conceito. Enfim, o *intraduzível*

[...] é uma noção que recusa tanto a sinonímia e a transparência quanto a surdez entre as línguas; uma definição que desobedece ao princípio de não contradição, deliberadamente construída de forma paradoxal, em acordo com o caráter atópico do próprio intraduzível. Assim, procura-se evidenciar a aliança indissociável entre a língua e pensamento a partir da diversidade de línguas e de filosofias (SANTORO; BUARQUE, 2018, p. 5).

A partir das amplas perspectivas de trabalho abertas pelo advento do *Dicionário*, propomo-nos, neste artigo, a estudar como a linguística de Saussure se diz em português. Isso pode ser reformulado em uma pergunta: há diferenças entre Saussure em francês e Saussure em português? Se sim, de que natureza são essas diferenças? A tradução das duas obras que serão aqui examinadas – o CLG e os ELG – operou alguma mudança de valor teórico no pensamento traduzido? Em última instância, indagamos: a tradução da obra saussuriana – seguramente responsável pela maior divulgação desse pensamento no Brasil – deu alguma especificidade à recepção dessa obra entre nós?

Para levar a cabo nossas intenções, adotamos o seguinte procedimento. Primeiramente (cf. seção “Marcas de tradução de Saussure no Brasil”, a seguir),

2 O título original da obra é *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. Publicada na França em 1969, a obra é dividida em dois volumes (volume I: Economia, Parentesco, Sociedade e volume II: Poder, Direito, Religião).

fazemos um levantamento de algumas das marcas textuais presentes no CLG e nos ELG que, além de indicarem a presença dos tradutores no interior dos textos traduzidos, indicam técnicas adotadas para a execução da tradução (ALBIR, 2018). A ideia é mostrar que há marcas de diferentes naturezas (mecanismos distintos como inserção de exemplos em português, notas de tradução etc.) e com diferentes formas de inserção (com maior ou menor evidência). Em seguida (cf. “Efeitos da tradução na recepção de Saussure no Brasil”, a seguir), procedemos propriamente à análise das obras traduzidas em sua relação com as marcas levantadas anteriormente. O objetivo aqui é ver em que medida as escolhas tradutórias feitas na passagem dos textos da língua francesa para a língua portuguesa determinaram uma compreensão da teoria saussuriana entre nós no Brasil.

Cabe lembrar que, em momento algum, buscamos assumir alguma perspectiva de correção das traduções feitas. Ao contrário disso, o que buscamos é ver como as diferenças entre as línguas exigem criação para que seja transmitido um pensamento. Tal criação entra em conta na determinação de modos de entendimento de um pensamento. Em outras palavras, as operações de tradução produzem uma dada transmissão que

[...] acaba por interferir diretamente no desenvolvimento e nas transformações de pensamento, tornando-se um mecanismo da criação e diferenciação não apenas das expressões filosóficas, mas também dos próprios pensamentos e ideias (SANTORO; BUARQUE, 2018, p. 6).

Uma observação ainda sobre os aspectos metodológicos que conduzem nossa reflexão: usamos o trabalho de Albir (2018) tão somente para fazer o levantamento das técnicas de tradução que, em linhas gerais, são tomadas aqui como indicadoras de algumas marcas de tradução presentes nas obras examinadas; em seguida, tratamos essas indicações do ponto de vista teórico desenvolvido por Cassin (2018). Não se trata, portanto, nem de articulação teórica entre as duas perspectivas distintas, nem de ignorar suas diferenças: cada uma cumpre um papel específico na análise proposta a seguir.

Por último, mas não menos importante, esperamos com este trabalho contribuir para reavaliar as ideias de Saussure pelo viés dos estudos da tradução, o que pode lançar novas luzes sobre sua obra. Isso parece se dar tanto quando se olha essa teoria como um suporte para refletir sobre a tradução – conforme alguns autores já vêm fazendo³ – quanto quando se toma o próprio texto de Saussure como objeto de reflexão no âmbito da tradução, que é o nosso caso aqui.

MARCAS DE TRADUÇÃO DE SAUSSURE NO BRASIL

Embora a tradução possa ser definida de modo bastante simples – passagem de um dado texto de uma língua para outra –, ela é uma atividade complexa, que é determinada por diversos fatores (tipo de texto, público-alvo, línguas envolvidas, finalidade da tradução etc.) e que abrange técnicas variadas para possibilitar a reformulação do texto em outro idioma.

Diversos teóricos da tradução propuseram classificações das operações envolvidas no ato tradutório – os pioneiros Vinay e Darbelnet talvez sejam os mais

3 Ver a esse respeito: Silva e Seidel (2016), Flores e Hoff (2017), Jorge (2017), Flores (2019), Hoff (2019), Flores (no prelo), entre outros.

notáveis, com os procedimentos técnicos de tradução propostos na obra *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*, de 1958, depois revisados e complementados por vários estudiosos. Entre essas novas propostas, destaca-se a de Hurtado Albir (2018), apresentada em 2001 em *Traducción y traductología*, por sua relativa contemporaneidade e sua abordagem discursiva e funcional. O modelo de Albir compreende 18 técnicas de tradução: adaptação, ampliação linguística, amplificação, compensação, compressão linguística, criação discursiva, decalque, descrição, elisão, empréstimo, equivalente consagrado, generalização, modulação, particularização, substituição, tradução literal, transposição e variação (ALBIR, 2018). É esse modelo que utilizaremos neste trabalho para identificar algumas das marcas deixadas pelos tradutores para o português brasileiro no CLG e nos ELG.

Ao considerar as traduções dessas duas obras no Brasil, uma primeira observação se impõe: diferentemente de algumas outras línguas – notadamente (mas não somente) o inglês, que só dispõe da palavra “*language*” para denotar “*langue*” e “*langage*”, por exemplo⁴ –, a tradução dos conceitos saussurianos para o português não apresenta grandes dificuldades, tendo em vista a existência de equivalentes e a facilidade de formação de neologismos semelhantes aos termos utilizados por Saussure: *langue* > língua, *langage* > linguagem, *parole* > fala, *signifié* > significado, *signifiant* > significante, *valeur* > valor etc.

Por outro lado, é impossível ignorar o fato de que a tradução de textos de linguística é geralmente considerada uma atividade bastante desafiadora devido à presença usual de exemplos nesse tipo de texto. Cabe ao tradutor definir a forma de tratamento dos exemplos, que pode variar desde a manutenção na língua original até a adaptação integral para o idioma de chegada.

É justamente no tratamento de exemplos que, nos parece, se observam as marcas mais evidentes da presença dos tradutores tanto no CLG quanto nos ELG. Há, no entanto, diferenças entre as traduções dessas duas obras.

A tradução para o Brasil do CLG data de 1970 e é realizada por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Nela, é possível observar que os tradutores utilizam técnicas de tradução variadas para o tratamento dos exemplos presentes na obra.

Uma dessas técnicas – não muito frequente – é a *elisão*, ou seja, a eliminação de elementos do texto de partida (ALBIR, 2018, p. 270). Ela aparece já no terceiro capítulo, quando o termo “*français*” é suprimido da frase “*Quelqu’un prononce le mot français nu: [...]*” (SAUSSURE, 2014 [1916], p. 23), que aparece em português como “*Alguém pronuncia a palavra nu: [...]*” (SAUSSURE, 1970, p. 15). A supressão do termo é plenamente justificada pelo fato da tradução: nesse caso, ao passar o texto em francês para o português, não faria mais sentido falar em “*palavra francesa*”.

Há instâncias, porém, em que os tradutores são mais enfáticos ao usar a elisão. Na discussão sobre a mutabilidade do signo, ao traduzir as frases “*Voici quelques exemples. Le latin *necāre* signifiant ‘tuer’ est devenu en français *noyer*, avec le sens que l’on connaît*” (SAUSSURE, 2014 [1916], p. 109), os tradutores brasileiros do CLG optaram por excluir “*signifiant*” e “*avec le sens que l’on connaît*”, transformando a frase em “*Eis alguns exemplos: o latim *necāre*, ‘matar’,*

4 Ver, a respeito da dificuldade de tradução do trio *langue-parole-langage* para vários idiomas, a nota 68 de Tullio de Mauro (2014, p. 423) e o trabalho de Lima (2014).

deu em francês *noyer*, ‘afogar’ (SAUSSURE, 1970, p. 89). Novamente, o fato de se tratar de um texto traduzido pode ser tomado como a motivação das elisões; talvez os tradutores tenham entendido que não faria sentido acrescentar essas informações ao texto de chegada. Porém, é interessante notar, nesse fragmento, que o significado “tuer” em francês também foi excluído do texto de chegada, embora a palavra *noyer* tenha sido mantida: no lugar da discussão da relação dos termos em latim e francês, agora há uma terceira língua participante, o português.

A elisão, nos casos acima, é acompanhada e até mesmo explicada pelo uso de outra técnica: o *equivalente consagrado*, que corresponde ao uso de “[...] um termo ou expressão reconhecido (pelo dicionário, pelo uso linguístico) como equivalente na língua meta” (ALBIR, 2018, p. 270, tradução nossa). Trata-se de uma técnica utilizada com frequência no CLG em português brasileiro, de duas formas diferentes. A primeira – menos comum – corresponde ao observado acima, em que somente aparece o equivalente em português, sem menção ao termo original em francês. Já a segunda ocorre com maior constância, quando os tradutores optam por manter o termo original em francês e segui-lo do seu equivalente em português entre parênteses ou aspas: “Assim, por que escrever *mais* (“mas”) e *fait* (“fato”) quando pronunciamos *mê* e *fê*?” (SAUSSURE, 1970, p. 37). Ou ainda:

No tocante aos fatos semânticos, convencemo-nos imediatamente; se o francês poutre, “égua”, tomou o significado de “peça de madeira, viga”, isso se deveu a causas particulares e não depende de outras mudanças que se puderam produzir ao mesmo tempo; não foi mais que um acidente entre todos os que a história de uma língua registra (SAUSSURE, 1970, p. 109).

Na citação acima, além do equivalente consagrado *poutre* > *égua*, é possível observar o uso de uma técnica relacionada: a *tradução literal*, que se distingue do equivalente consagrado na classificação de Albir (2018, p. 271) por corresponder à tradução palavra por palavra de sintagmas ou expressões. Entre as duas técnicas, então, há uma diferença na forma das unidades tradutórias. Ou seja, quando os tradutores vertem “[...] pièce de bois [...]” (SAUSSURE, 2014 [1916], p. 132) como “peça de madeira”, estão realizando uma tradução literal.

À semelhança do equivalente consagrado, a tradução literal aparece no CLG tanto desacompanhada do equivalente em francês, como no caso acima e nos parênteses da última frase da citação subsequente, quanto, às vezes, na sequência do termo original, como em *je goute* > eu gosto, a seguir:

Quando, numa conferência, ouvimos repetir diversas vezes a palavra Senhores!, temos o sentimento de que se trata, toda vez, da mesma expressão, e, no entanto, as variações do volume de sopro e da entonação a apresentam, nas diversas passagens, com diferenças fônicas assaz apreciáveis – tão apreciáveis quanto as que servem, aliás, para distinguir palavras diferentes (cf. fr. pomme, “maçã”, e paume, “palma”, goutte, “gota”, e je goute, “eu gosto”, fuir, “fugir”, e fouis, “cavar” etc.); ademais, esse sentimento de identidade persiste, se bem que do ponto de vista semântico não haja tampouco identidade absoluta entre um Senhores! e outro, da mesma maneira por que uma palavra pode exprimir ideias bastante diferentes sem que sua identidade fique seriamente comprometida (cf. “adotar uma moda” e “adotar uma criança”, “a flor da macieira” e “a flor da nobreza” etc.) (SAUSSURE, 1970, p. 125-126).

Nos casos de uso de equivalentes consagrados e de tradução literal citados acima em que as palavras originais em francês estão presentes, é possível entender que os tradutores também usam a técnica do *empréstimo puro*, em que ocorre a integração, ao texto de chegada, de palavras e expressões na língua estrangeira sem nenhuma alteração (ALBIR, 2018, p. 270). Além de observar essa técnica acompanhada da tradução do termo/expressão para o português, há também instâncias em que ela ocorre isoladamente:

Seja em francês sižlaprâ: poderei cortar esta sequência após l e tomar sižl como unidade? Não: basta considerar os conceitos para ver que essa divisão é falsa. A separação em sílabas siž-la-prâ nada tem tampouco de linguístico, a priori. As únicas divisões possíveis são: 1. si-ž-la-prâ (“si je la prends”), et 2° si-ž-l-aprâ (“si je l’apprends”), e são determinadas pelo sentido que se dê a essas palavras (SAUSSURE, 1970, p. 121).

Há, primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas (cf. francês: à quoi bon? allons donc! etc.) O mesmo, ainda que em menor grau, ocorre com expressões como prendre la mouche, forcer la main à quelq’un, rompre une lance, ou ainda: avoir mal à (la tête), à force de (soins etc.), que vous ensemble? pas n’est besoin de ... etc. cujo caráter usual depende das particularidades de sua significação ou de sua sintaxe. Esses torneios não podem ser improvisados; são fornecidos pela tradição. Podem-se também citar as palavras que, embora prestando-se perfeitamente à análise, se caracterizam por alguma anomalia morfológica mantida unicamente pela força de uso (cf. o francês difficulté em comparação com facilité etc.; mourrai em comparação com dormirai etc.) (SAUSSURE, 1970, p. 144).

Na última citação acima, além da técnica do empréstimo, observa-se o uso da *amplificação*, que ocorre quando “[...] se introduzem precisões não formuladas no texto original: informações, paráfrases explicativas, notas do tradutor etc.” (ALBIR, 2018, p. 269, tradução nossa). Ao acrescentar “francês” nos dois parênteses e ao inserir três notas de rodapé com equivalentes em português para as palavras e expressões francesas citadas⁵, os tradutores introduzem informações não explícitas no texto de partida ao texto de chegada.

A amplificação é amplamente utilizada no CLG. Ela aparece sob várias formas. Na maior parte das vezes, está presente no próprio corpo do texto, como acontece quando os tradutores explicitam que os exemplos são palavras e expressões francesas. As intervenções dentro do texto, porém, não se limitam à indicação da língua de origem dos exemplos; muitas vezes, há, também, o acréscimo de exemplos:

Basta comparar duas línguas sob esse aspecto para ver o quanto tais expressões variam de uma para outra língua (por exemplo, ao francês aie! corresponde em alemão au! e em português ai!). Sabe-se também que muitas exclamações começaram por ser uma palavra com sentido determinado (cf. diabo!; ou em francês mordieu = mort Dieu etc.) (SAUSSURE, 1970, p. 83-84).

5 As notas de rodapé referentes a esse trecho, assinadas pelos tradutores, são:

“Exemplos equivalentes em português seriam de *que adianta? com que então?*, etc.” (SAUSSURE, 1970, p. 144).

“Que corresponderiam, por exemplo, em português, a expressões como *estar de lua, forçar a mão, quebrar lanças* (em defesa de algo), *ter dó* (de alguém), *à força de* (cuidados, etc.), *não se faz mister, dar de mão a* (alguma coisa), etc.” (SAUSSURE, 1970, p. 144).

“Exemplos equivalentes em português: *dificuldade* comparada com *facilidade, farei e poderei*” (SAUSSURE, 1970, p. 144).

O português carneiro ou o francês mouton podem ter a mesma significação que o inglês sheep, mas não o mesmo valor; isso por várias razões, em particular porque, ao falar de uma porção de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz mutton e não sheep. A diferença de valor entre sheep e mouton ou carneiro se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa (SAUSSURE, 1970, p. 134).

O francês diz indiferentemente louer (une maison) e o português alugar, para significar dar ou tomar em aluguel, enquanto o alemão emprega dois termos, mieten e vermieten; não há, pois, correspondência exata de valores. Os verbos schätzen e urteilen apresentam um conjunto de significações que correspondem, grosso modo, às palavras francesas estimer e juger (“avaliar” e “julgar”); portanto, sob vários aspectos, essa correspondência falha (SAUSSURE, 1970, p. 135).

Em relação a essas citações, é importante notar que elas são extraídas do capítulo I da primeira parte, “Natureza do signo linguístico”, e do capítulo IV da segunda parte, “O valor linguístico”, que são considerados cruciais para a teorização saussuriana. Os exemplos, nesses capítulos, parecem servir essencialmente para ilustrar conceitos fundamentais propostos por Saussure – nomeadamente, a arbitrariedade do signo e o valor. Então, ao optar por acrescentar os exemplos em português (em vez de só traduzir os exemplos do francês para o português ou somente manter os exemplos em francês, procedimentos adotados em outros momentos), os tradutores não estariam, de certo modo, também influenciando a própria teoria?

Às vezes, a amplificação dentro do corpo do texto é acompanhada de uma outra forma de amplificação, já mencionada brevemente: as notas de rodapé. Há, no CLG, oito notas de rodapé dos tradutores. Além das três mencionadas acima na citação sobre frases feitas e expressões próprias de uma língua, outras duas apresentam equivalentes em português para os exemplos mantidos em francês no texto: o trecho “Assim, a palavra francesa *enseignement* ou a portuguesa *ensino* fará surgir inconscientemente no espírito uma porção de outras palavras (*enseigner, renseigner* etc. ou então *armement, changement*, ou ainda *éducation, apprentissage*); [...]” é acompanhado de uma nota de rodapé que explica que “No caso da palavra portuguesa *ensino* ou *ensinamento*, as palavras associadas serão *ensinar*, e depois *armamento, desfiguramento* etc., e por fim *educação, aprendizagem* etc.” (SAUSSURE, 1970, p. 143); já a nota de rodapé “Na palavra portuguesa *bond-ade*, por exemplo, o elemento *bond* não significa nada sem o sufixo que o acompanha” segue a frase “Por sua vez, o radical não é autônomo; ele só existe pela combinação com um sufixo; no francês *roul-is*, o elemento *roul-* não é nada sem o sufixo que o segue” (SAUSSURE, 1970, p. 148).

Há, também, uma nota de rodapé dos tradutores inversa, em que são os termos utilizados no original em francês que são mencionados. A nota “O exemplo do texto original era *magasinier, magasin* e *emmagasiner*” se associa ao trecho⁶

Carteiro não foi engendrado por carta; foi criado pelo modelo de prisioneiro: prisão etc. Do mesmo modo, encartar deve sua existência à analogia com enfaixar, enquadrar, encapuzar etc., que contêm faixa, quadro, capuz etc. (SAUSSURE, 1970, p. 193).

6 É importante notar que, possivelmente devido a um erro de impressão, o número da nota de rodapé não aparece no corpo do texto; no entanto, uma comparação com o texto original em francês permite inferir o posicionamento da nota após *carteiro, carta* e *encartar*.

Ainda aparecem duas notas de rodapé dos tradutores com caráter explicativo no CLG. No apêndice sobre os “Princípios de fonologia”, uma nota esclarece que o *r* mencionado corresponde ao “[...] *r* francês, dito *grasseyé* ou *velar*” (SAUSSURE, 1970, p. 67), enquanto na discussão sobre as dificuldades para delimitação das entidades e unidades da língua aparece uma nota sobre a diferença da pronúncia de “*mois*” em francês (com *s* antes de vogal e sem *s* antes de consoante).

As várias instâncias de amplificação – seja em notas assinadas pelos tradutores, na apresentação de equivalentes em português após os termos originais em francês ou em acréscimos de exemplos – no CLG demonstram que a presença (e até mesmo a interferência) dos tradutores na obra é bastante evidente.

Os tradutores do CLG ainda utilizam uma outra técnica tradutória: a *adaptação*, ou seja, a substituição de “[...] um elemento cultural por outro próprio da cultura receptora” (ALBIR, 2018, p. 269, tradução nossa).

O uso da adaptação pode decorrer de necessidades práticas. É o que parece ocorrer quando os tradutores do CLG usam “Assim, a espécie *I* é a mesma em *fidalgo* e em *piegas*: é uma vogal, mas é soante em *fidalgo* e consonante em *piegas*” (SAUSSURE, 1970, p. 71) para traduzir “Ainsi l’espèce *I* est la même dans *fidèle* et dans *pie*: c’est une voyelle; mais elle est sonante dans *fidèle* et consonante dans *pie*” (SAUSSURE, 2014 [1916], p. 87-88). Em vez de utilizar os equivalentes consagrados “*fiel*” e “*pé*” para “*fidèle*” e “*pie*”, os tradutores podem ter escolhido “*fidalgo*” e “*piegas*” para respeitar o conteúdo do texto, utilizando termos com vogais soantes e consonantes em português. A adaptação, aqui, então, não se dá propriamente em função de questões culturais, mas sim por necessidades derivadas da estrutura das línguas.

Uma situação semelhante é observada quando os tradutores optam por utilizar um adjetivo em vez de um advérbio ao propor “ensinamento” e “lento” como possíveis associações de imagens acústicas equivalentes à associação de “*enseignement*” e “*justement*” em francês (SAUSSURE, 1970, p. 145). Nesse caso, é possível entender que, devido a limitações derivadas das características das línguas envolvidas no processo tradutório, os tradutores optaram por fazer uma adaptação utilizando a técnica da *transposição*, em que ocorre uma mudança de categoria gramatical (ALBIR, 2018, p. 271).

No entanto, é fundamental mencionar que há pelo menos uma instância em que a adaptação feita pelos tradutores não parece ser justificada pelo conteúdo do texto: trata-se do célebre exemplo da troca de “*soeur*” por “*mar*”, que ilustra o princípio de arbitrariedade do signo (SAUSSURE, 1970, p. 81). Esse exemplo é novamente ilustrativo da presença dos tradutores na tradução brasileira do CLG. Ao operar uma adaptação em princípio desnecessária desse exemplo, os tradutores acabam se marcando na obra e influenciando a leitura que se faz dela.

Naturalmente, o cenário referente à tradução dos ELG é diferente. Os manuscritos foram traduzidos por outros tradutores: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. Além disso, a tradução foi feita mais contemporaneamente, em 2004⁷; ao longo dos mais de 30 anos entre a publicação das duas traduções, houve diversos avanços não somente no campo de estudos e na prática da tradução, mas também na própria linguística, o que certamente tem um efeito no

7 É importante notar que os ELG foram traduzidos apenas dois anos após a sua publicação na França (SAUSSURE, 2002), em contraste com os 54 anos de defasagem entre a publicação do original e da tradução do CLG. Para uma discussão dos efeitos da publicação das traduções do CLG e dos ELG na recepção de Saussure no Brasil, ver Flores (2017).

texto traduzido. Por fim, é importante notar que o tipo de texto de cada obra é diferente – o CLG é um texto “completo”, enquanto os ELG têm natureza fragmentária e inacabada.

Os tradutores dos ELG parecem ser mais constantes e menos diversificados no uso das técnicas tradutórias. Uma das técnicas mais utilizadas ao longo de toda a obra são os *empréstimos*, que, na maioria das vezes, aparecem isolados, sem os equivalentes em português. É o que se observa em “Por exemplo, NA PALAVRA (não é preciso considerar a língua) *courage*, é, de fato, completamente indiferente, em francês, pronunciar *courir* com *r grasseyé non roulé*, ou com *r grasseyé roulé*, ou com *r dental (roulé ou não)*” (SAUSSURE, 2004, p. 37); em “Quem poderia dizer se é de tal ou tal forma, exatamente, que o sentimento da língua procede? *graveur: graver = penseur: penser*. Portanto (*oser*) *oseur*” (SAUSSURE, 2004, p. 159); e em “Os vários conceitos estão ali, prontos na língua (ou seja, revestidos de uma forma linguística), como *boeuf, lac, ciel, fort, triste, cinq, defendre, voir*” (SAUSSURE, 2004, p. 236).

Em poucos casos, os empréstimos são seguidos dos seus *equivalentes consagrados*, como na seguinte citação:

Item. bonté (bondade) – santé (saúde). Em douteux (duvidoso) ou amertume (amargura) ou em noirâtre (denegrir) há, evidentemente, dois elementos. Mas o primeiro elemento não é idem a doute (dúvida) ou amer (amargo), noir (negro). Tem-se simplesmente douteux (duvidoso): doute (dúvida) = goitreux (portador de bócio): goitre (bócio), etc. É uma das maneiras de se chegar a esclarecer a noção de radical (SAUSSURE, 2004, p. 104).

Observa-se, no ELG, uma instância de uso da técnica de *transposição*. A exemplo dos casos de equivalentes consagrados da citação acima, aqui, a transposição – de um substantivo (“*congê*”) para um composto verbal (“*está despedido*”) – é também um dos poucos casos em que os tradutores dos ELG utilizam uma técnica acompanhada do empréstimo dos termos originais em francês:

Significar *quer dizer revestir um signo de uma ideia assim como uma ideia de um signo. Assim: “tal distinção só tem valor gramatical na medida em que é significada” = revestida de um signo próprio. Signifier à quelqu’un son congé* (Comunicar a alguém que está despedido) (SAUSSURE, 2004, p. 98).

Há, portanto, poucas instâncias de *amplificação* nos ELG – especialmente, é evidente a ausência de notas de rodapé dos tradutores. Além dos dois casos acima, destaca-se uma ocorrência na reflexão sobre a diferença entre o sentido próprio e o sentido figurado, em que é utilizado o exemplo do sol. Saussure afirma ser possível afirmar que alguém é o sol da existência de outra pessoa por dois motivos: o primeiro é a impossibilidade de dizer que ela é a luz, e o segundo corresponde à permanência da dúvida da possibilidade de empregar sol mesmo “[...] se existisse, em francês, um termo que significasse *claridade do sol* (como *clair de lune* [luar]) ou um termo que significasse *dependência em que está a terra em relação ao sol*; [...]” (SAUSSURE, 2004, p. 67). Os tradutores, aqui, podem ter sido motivados a manter o termo em francês e acrescentar o equivalente entre parênteses pela própria presença de “em francês” na frase – ao invés de fazer uma elisão desse trecho ou uma adaptação do texto utilizando “em português”, escolheram manter o termo em francês e acrescentar um equivalente em português entre colchetes.

Por outro lado, há diversos casos – especialmente nas páginas do manuscrito “Sobre a essência dupla da linguagem” dedicadas a questões relativas ao sentido – em que os tradutores somente apresentam os *equivalentes consagrados* ou as *traduções literais* dos exemplos em português, sem menção ao texto original em francês. Ambas as técnicas são demonstradas nos diversos itálicos da citação abaixo:

Assim, sol parece representar uma ideia perfeitamente positiva, precisa e determinada, assim como a palavra lua: entretanto, quando Diógenes diz a Alexandre “Sai da frente do meu sol!”, não há mais, em sol, nada de sol a não ser a oposição com a ideia de sombra; e a própria ideia de sombra é apenas a negação combinada da ideia de luz, de noite fechada, de penumbra, etc., acrescentada a negação da coisa iluminada com relação ao espaço obscurecido, etc. Retomando a palavra lua, pode-se dizer a lua aparece, a lua cresce, a lua decresce, a lua se renova, semeamos na lua nova, passarão muitas luas antes que tal coisa aconteça... e insensivelmente, vemos que 1º tudo que pomos em lua é absolutamente negativo, vindo apenas da ausência de um outro termo, pois, e 2º uma multidão de idiomas exprimirão, através de termos, totalmente diferentes dos nossos, os mesmos fatos em que fazemos intervir a palavra lua, exprimindo, por exemplo, através de uma primeira palavra, a lua em fases mensais, de uma segunda, a lua como astro diferente do sol, de uma terceira, a lua por oposição às estrelas, de uma quarta, a lua como tocha da noite, de uma quinta, o luar por oposição à própria lua, etc. (SAUSSURE, 2004, p. 68-69).

É interessante notar que os equivalentes consagrados e traduções literais parecem ser utilizados sobretudo em pontos dos ELG em que o que está em questão não é a forma ou o sentido específicos (ou ainda a relação entre a forma e o sentido) dos termos que aparecem nos exemplos, mas sim o modo como a relação entre os termos determina o sentido; em outras palavras, o valor característico das unidades não parece interferir no resultado da argumentação nos casos em que os tradutores optaram por não mencionar os termos em francês, o que pode ter motivado o uso dessas técnicas.

Ao fim da análise, como demonstrado no Quadro 1, é possível constatar que a tradução do CLG faz uso de um número maior de técnicas tradutórias (sete no total), enquanto nos ELG somente cinco são utilizadas. Além disso, é importante notar que há uma diferença no estilo do uso das técnicas: na maior parte das instâncias, em que os tradutores dos ELG optam por utilizar os equivalentes consagrados e as traduções literais, é desacompanhada dos termos ou expressões originais em francês, ou seja, não se combinam as técnicas de empréstimo e equivalente consagrado ou tradução literal, como ocorre com certa frequência no CLG. Por fim, a representatividade da técnica da amplificação, bastante alta no CLG – aparecendo tanto no corpo do texto quanto em notas de rodapé – e quase inexistente nos ELG, também se destaca.

Quadro 1 – Síntese das técnicas tradutórias examinadas no CLG e nos ELG

CLG	ELG
Adaptação	
Amplificação (no corpo do texto e em notas de rodapé)	Amplificação (no corpo do texto)
Elisão	
Empréstimo (com e sem equivalente consagrado/tradução literal)	Empréstimo (geralmente sem equivalente consagrado/tradução literal)
Equivalente consagrado (com e sem empréstimo)	Equivalente consagrado (geralmente sem empréstimo)
Tradução literal (com e sem empréstimo)	Tradução literal (sem empréstimo)
Transposição	Transposição

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Albir (2018).

EFEITOS DA TRADUÇÃO NA RECEPÇÃO DE SAUSSURE NO BRASIL

Feito o levantamento anterior, é tempo de retomar as perguntas que nos guiam aqui: que “coisa” diz Saussure em português? Ou ainda, de maneira menos alegórica: a tradução de Saussure no Brasil proporcionou alguma especificidade a essa teoria e, conseqüentemente, a sua recepção entre nós? Em resposta a essas questões, cabe avaliar alguns dos mecanismos descritos acima.

Começemos por um dos casos de *elisão*.

A tradução de “Voici quelques exemples. Le latin *necāre* signifiant ‘tuer’ est devenu en français *noyer*, avec le sens que l’on connaît” (SAUSSURE, 2014 [1916], p. 109) para “Eis alguns exemplos: o latim *necāre*, ‘matar’, deu em francês *noyer*, ‘afogar’” (SAUSSURE, 1970, p. 89): como pontuamos acima, a elisão de “signifiant” e de “avec le sens que l’on connaît” do texto de chegada e o acréscimo dos termos equivalentes a “*tuer*” e “*noyer*” em português passa a colocar em relação três línguas – latim, português e francês – e não duas, como originalmente. Mas há mais a observar neste caso.

Encontramos essa passagem em um contexto em que o CLG explica a ação, de certa forma paradoxal, do tempo sobre a língua: “[...] o princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade” (SAUSSURE, 1970, p. 89). A explicação no CLG segue buscando explicar o que se quer dizer com a palavra “alteração” – “[...] não nos equivoquemos sobre o sentido dado aqui ao termo *alteração*” (SAUSSURE, 1970, p. 89). E conclui: “sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um *deslocamento da relação entre o significado e o significante*” (SAUSSURE, 1970, p. 89).

Ora, o exemplo que segue busca elucidar exatamente essa ideia de *deslocamento entre o significante e o significado*. Assim, a relação entre o significante/*necāre*/ e o significado “*necāre*” do latim (que corresponde a “*tuer*” em francês) se deslocou na passagem para o francês e produziu *noyer*, ou seja, uma relação entre o significante /*noyer*/ e o significado “*noyer*” (com o sentido que se conhece em francês). Conclusão: o CLG ilustra que, nessa “alteração”, constata-se uma alteração dos sistemas linguísticos implicados, no caso, latim e francês. Observe-se que o CLG em português, ao omitir as passagens que destacamos, elide uma primeira parte do raciocínio, qual seja, a de que a relação significante/

significado de “*necâre*”, que tem o valor de “*tuer*” em francês, se transformou na relação significante/significado de “*noyer*” que conhecemos hoje, em francês.

Consequentemente, elide-se que o fato diacrônico – trata-se de uma parte do CLG que discorre sobre a mutabilidade do signo, é importante lembrar – é determinado e articulado aos sistemas linguísticos dos quais ele faz parte. Obviamente, a tradução brasileira do CLG não impede que esse raciocínio seja recuperado em português; apenas exige do leitor alguma atenção a mais.

Tomemos um segundo exemplo. Dessa vez, trata-se de um caso de *amplificação*: a célebre passagem que exemplifica o aspecto conceitual do valor linguístico.

Retomemos a passagem:

O português carneiro ou o francês mouton podem ter a mesma significação que o inglês sheep, mas não o mesmo valor, isso por várias razões, em particular porque, ao falar de uma porção de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz mutton e não sheep. A diferença de valor entre sheep e mouton ou carneiro se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa (SAUSSURE, 1970, p. 134).

No texto original em francês, os termos francês “*mouton*” e inglês “*sheep*” são colocados em oposição para demonstrar que, embora compartilhem a mesma significação, o valor difere em cada uma das línguas – a argumentação dada se baseia no fato de que um francês come *mouton*, enquanto um inglês não come *sheep*, mas sim *mutton*. No entanto, no CLG em português brasileiro, acresce-se a essa ilustração o *carneiro*, que é apresentado como equivalente ao francês *mouton*.

Ora, ao colocar de um lado do raciocínio *carneiro* e *mouton* e do outro lado *sheep*, pode-se entender que o valor de *carneiro* e *mouton* é o mesmo em português e em francês, e que ambos são, pelos mesmos motivos, diferentes de *sheep*, o que é contradito pela própria noção de valor⁸.

Além disso, ao se colocar na versão brasileira do CLG que “a diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou *carneiro* se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa” ignora-se que, em português, há, também, outros termos ao redor de *carneiro*. Afinal, é sabido de todos os dicionaristas brasileiros que, no Brasil, come-se “cordeiro”, “carne de cordeiro”, “ovelha”, “carne de ovelha” etc.

É o CLG mesmo que explica, logo após essa passagem:

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como reccar, temer, ter medo só têm valor próprio pela oposição; se reccar não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes (SAUSSURE, 1970, p. 134-135).

Observe-se que, nesse caso, há, então, uma implicação teórica importante a ser considerada na leitura do livro em português.

Por último, vejamos o que é possível dizer sobre a tradução brasileira da passagem selecionada acima do manuscrito “Sobre a essência dupla da linguagem”, publicado nos ELG, acerca das ideias relacionadas ao sol e à lua.

⁸ A análise feita para esse trecho poderia ser replicada nos outros exemplos apresentados acima e também em outras passagens do CLG não mencionadas neste trabalho; não o faremos, aqui, devido a limitações de espaço.

Nesse caso, as técnicas utilizadas são os equivalentes consagrados e/ou a tradução literal, desacompanhados de empréstimos dos termos originais em francês.

O recurso utilizado pelos tradutores produz um efeito de transparência no texto que, de certa forma, quase oculta a presença dos tradutores. Nada há para acrescentar na tradução apresentada se não se atentar para o fato de que se trata de tradução de nomes que têm função designativa muito específica (“lua”, “sol”) e é exatamente sobre esse tema que Saussure parece querer colocar luzes, quer dizer, até mesmo nomes como “sol” ou “lua” – facilmente associados à função designadora – estão na dependência das redes de valores do sistema linguístico do qual fazem parte.

Recurso distinto, porém, é usado pelos tradutores na tradução do manuscrito intitulado, nos ELG, “Nota sobre o discurso”, em contexto bastante semelhante ao destacado antes:

Os vários conceitos estão ali, prontos na língua (ou seja, revestidos de uma forma linguística), tais como boeuf, lac, ciel, fort, rouge, triste, cinq, fendre, voir. Em que momento ou em virtude de que operação, de que jogo que se estabelece entre eles, de que condições, esses conceitos formarão o DISCURSO? (SAUSSURE, 2004, p. 237).

A que se deve essa decisão dos tradutores? Seria porque no primeiro caso fala-se do que, em linguagem platônica, chamamos “o mundo dos objetos” e, no segundo, em linguagem saussuriana, do “mundo da língua”? Interessante ver que Saussure, em ambos, circunscreve-se ao campo do linguístico. Desse modo, os tradutores, ao tomarem a decisão de traduzir os termos em algumas instâncias e manter somente os termos na língua original em outras, não estariam, de certa forma, indo de encontro a Saussure, negando as suas teorizações?

CONCLUSÃO

Feitas as observações acima, reunimos uma primeira possibilidade de abordagem das questões norteadoras de nossa reflexão aqui.

Como se pode ver, os dados destacados acima não oferecem, em princípio, nenhuma dificuldade ao leitor do português: não se coloca em discussão a legibilidade das obras. Também não cabe fazer nenhum ajuste nas traduções do CLG e dos ELG, já que são trabalhos consolidados em língua portuguesa e já submetidos ao crivo do leitor. Finalmente, é importante dizer que, ao restringirmos nossa análise a passagens em que exemplos de diferentes línguas entram em conta, não fazemos crítica à forma como esses comparecem em português.

Nossa questão é de outra ordem e visa examinar como esses casos podem sinalizar uma interpretação da teoria que tentam ilustrar. Dito de outro modo, o tratamento dado à tradução dos exemplos – tanto no CLG quanto nos ELG – permite ver em que medida eles realmente testemunham o raciocínio que os embasa.

Por exemplo, quando os tradutores optam por incluir menção a uma língua que não estava originalmente contida no texto de partida, há mudanças que se operam na forma de compreensão da teoria. Assim, quando lemos que “basta comparar duas línguas sob esse aspecto para ver quanto tais expressões variam de uma para outra língua (por exemplo, ao francês *aie!* corresponde em alemão *au!* e em português *ai!*)” (SAUSSURE, 1970, p. 83-84), precisamos compreender

que, mesmo que o texto fale em “comparar duas línguas”, são fornecidos exemplos em três línguas, o que exige avaliação detida, uma vez que seriam, nesse caso, três sistemas linguísticos colocados em relação.

Poder-se-ia pensar que os tradutores ignoram, em especial nesse caso, que Saussure não busca fazer equivalência entre palavras, mas comparar o funcionamento de sistemas. Não podemos afirmar ser esse o caso. No entanto, recomenda-se ao leitor não perder de vista que o CLG e os ELG são textos traduzidos; isso pode enriquecer a leitura ensinada e a reflexão que dela decorre.

Ainda nesse contexto, parece-nos fundamental também não perder de vista que são obras em que, como evidenciado nas análises acima, o intraduzível está presente, mesmo que não, talvez, sob a forma dos conceitos que elas apresentam, cujas traduções se mantêm estáveis, são cristalizadas. Em outros termos, o intraduzível do CLG e dos ELG – “o que não se cessa de (não) traduzir”, para retomar as palavras de Cassin (2018, p. 17) – é de outra natureza; é no processo da tradução da exemplificação da teoria que ele fica mais evidente, é no modo como as teorizações são demonstradas que podemos, então, mais claramente observar as dificuldades do traduzir e, conseqüentemente, a diferença entre as línguas.

SAUSSURE IN FRENCH AND SAUSSURE IN PORTUGUESE: DO THEY SAY (ALMOST) THE SAME THING?

Abstract: This study reflects on Ferdinand de Saussure’s works in Portuguese, pondering about the extent to which the translation process interferes with the theoretical value of the translated text and therefore with the way Saussurean works are received in Brazil. To that end, we present a review of some of the textual marks in *Course in General Linguistics* and in *Writings in General Linguistics* that demonstrate the techniques their translators used, followed by an analysis of the translated works considering these marks and demonstrating their effects on how the Saussurean theory is understood.

Keywords: Ferdinand de Saussure. *Course in General Linguistics*. *Writings in General Linguistic*. Translation. Translation techniques.

REFERÊNCIAS

- ALBIR, H. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. 10. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2018.
- CASSIN, B. (coord.); SANTORO, F.; BUARQUE, L. (org.). *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias – Línguas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v. 1.
- CASSIN, B. Apresentação da 1ª edição francesa do *Vocabulaire Européen des Philosophies*. In: CASSIN, B. (coord.); SANTORO, F.; BUARQUE, L. (org.). *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias – Línguas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v. 1, p. 16-21.
- ECO, U. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

- FLORES, V. do N. Comentários sobre as traduções da Nota sobre o discurso de Ferdinand de Saussure no Brasil: elementos para leitura da “Nota”. *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 62, p. 173-190, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4505/4515>. Acesso em: 5 dez. 2018.
- FLORES, V. do N. *Saussure e a tradução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. No prelo.
- FLORES, V. do N. *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FLORES, V. do N.; HOFF, S. L. O tempo como fator de opacidade da tradução. *Translatio: revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva*, Porto Alegre, n. 14, p. 2-23, dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/76577>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- HOFF, S. L. Pensando a tradução com Saussure: uma outra consideração da sincronia e da diacronia. *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 62, p. 344-363, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4478/4517>. Acesso em: 5 dez. 2018.
- JORGE, B. C. de. *A tradução como um fenômeno de linguagem: uma abordagem saussuriana*. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- LIMA, T. R. S. e. *Saussure: a escrita e a tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala*. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.
- MAURO, T. de. Notes. In: SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 2014. p. 405-477.
- SANTORO, F.; BUARQUE, L. Prefácio da edição brasileira. In: CASSIN, B. (coord.); SANTORO, F.; BUARQUE, L. (org.). *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias – Línguas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v. 1, p. 5-15.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 2014 [1916].
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 2. ed. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SAUSSURE, F. de. *Ecrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002.
- SAUSSURE, F. de. *Escritos de Linguística Geral*. Tradução Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SILVA, C. U. C.; SEIDEL, V. F. Noção de valor e/na tradução: um problema de linguística geral? *Prolíngua*, João Pessoa, v. 11, n. 2, 27 dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/32248>. Acesso em: 1º maio 2019.
- SONTAG, S. *Ao mesmo tempo: ensaios e discursos*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.